

---

## O FIM DA FILOSOFIA NA MODERNIDADE COM O SURGIMENTO DA HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA

*The end of philosophy in modernity with the rise of heideggerian hermeneutics*

Wellington Lima Amorim

UFMA

José Roberto Carvalho da Silva

UFMA

**Resumo:** Para Heidegger a filosofia até então fora metafísica e enquanto tal chega a seu acabamento na era tecnológica, ou seja, a modernidade atinge seu auge com a inauguração da autonomia das ciências particulares pela linguagem cibernética. O filósofo chama a atenção para um pensamento capaz de pensar além da metafísica e da essência da técnica (*gestell*) que tem dominado a compreensão do habitar humano no mundo. Redescobrir um pensar que não seja nem metafísico nem técnico é o que Heidegger chama de a tarefa do pensamento. Vejamos que tanto a metafísica quanto a técnica estão acentuadas em um mesmo fundamento, conseqüentemente em uma mesma noção de verdade, a verdade enquanto concordância, enunciativa e enquanto ente. Nesta concepção de verdade também a filosofia habita enquanto metafísica, por isso na tarefa do pensamento a filosofia deve superar-se e buscar uma nova compreensão para o que é verdadeiro, deve ir às origens do pensamento grego e resgatar o significado de *alétheia*, desvelamento. Pensar é desvelar o que está velado. A tarefa do pensamento passa a ser encaminhada à hermenêutica, não por mera arbitrariedade, mas sim pela própria necessidade de se pensar originariamente. Só a hermenêutica pode ainda pensar o que é digno de ser pensado, o que ainda não foi alcançado pelo pensamento metafísico e pelo enquadramento técnico que move a habitação do homem no mundo, pois é a abertura que possibilita todo apresentar-se, essa abertura é a clareira do Ser.

**Palavras-chave:** Filosofia. Metafísica. Técnica. Hermenêutica. Modernidade.

**Abstract:** For Heidegger philosophy had been hitherto metaphysics and it reaches its finishing process in the technological era, i.e., modernity reaches its peak with the unveiling of the autonomy of the special sciences through cyber language. The philosopher draws attention to a thought able of thinking beyond metaphysics and the essence of the technique (*Gestell*) that has dominated the understanding of human dwelling in the world. Rediscover a thinking that is neither metaphysical nor technique is what Heidegger calls the task of thought. Considering that both metaphysics and technique are pronounced in the same basis, thus in the same notion of truth, the truth as agreement, expository and as beings. In this conception of truth philosophy inhabits as metaphysical as well as. For this reason, in the task of thought, philosophy should surpass itself and seek a new understanding for what is true, it shall go to

---

the origins of Greek thought and redeem the meaning of *aletheia*, unveiling. Thinking is to unveil what is veiled. The task of thought becomes forwarded to hermeneutics, not for mere arbitrariness, rather for the need of thinking originally. Only hermeneutics might still think what is worthy of being thought, what has not yet been reached by metaphysical thought and by the technical framework that moves the habitation of man in the world, then it is the opening that allows all “coming forwards”, this opening is the clearing of Being.

**Keywords:** Philosophy. Metaphysics. Technique. Hermeneutics. Modernity.

## TECHNÉ E TÉCNICA DESCRITOS POR HEIDEGGER

Eis aqui, portanto, o homem fora do nosso povo, fora da nossa humanidade. Ele está continuamente faminto, nada lhe pertence a não ser o instante, o prolongado instante de tortura... Ele sempre tem apenas uma coisa: seu sofrimento, mas não existe nada na face da terra que lhe possa servir de remédio, não há chão para ele colocar seus dois pés, não há apoio onde suas duas mãos se possam agarrar, e, assim, ele é menos aquinhado do que o trapezista de music-hall que, pelo menos, está pendurado por um fio. Franz Kafka.

As reflexões de Heidegger sobre a técnica acontecem por meio do desvelamento da sua representação. Por sua vez, a *techné* é entendida pelo desvelamento que acontece a partir das próprias coisas:

A técnica é uma forma de desencobrimento. Levando isso em conta, abre-se diante de nós todo um outro âmbito para a essência da técnica. Trata-se do âmbito do desencobrimento, isto é, da verdade [...] Técnica é uma forma de desencobrimento. A técnica vive e vigora no âmbito onde se dá descobrimento e des-encobrimento, onde acontece a verdade (HEIDEGGER, 2001, p. 17-18).

Heidegger, buscando pensar a essência da técnica, a questiona. O motivo dessa busca é estabelecer com a técnica uma relação de liberdade. A experimentação da técnica é uma das principais conseqüências da relação que Heidegger estabelece com a essência da técnica. Isso ocorre para que o filósofo possa se manter a distância, evitando sustentar uma aceitação incondicional, ou oposição ou, ainda, rejeição e alienação diante da técnica moderna.

Questionaremos a *técnica* e pretendemos com isto preparar um relacionamento livre com a técnica. Livre é o relacionamento capaz de abrir nossa Pré-sença à essência da técnica. Se lhe respondermos

---

a essência, poderemos fazer a experiência dos limites de tudo que é técnico (HEIDEGGER, 2001, p. 11).

Heidegger reflete sobre a essência da técnica, a partir de duas modalidades do pensamento –calculante e meditante –, alertando, com isso, para os possíveis perigos aos quais a humanidade se expõe, com a prevalência do pensamento que calcula e o esquecimento por completo do pensamento que medita. Isso ocorre devido ao projeto iluminista que, desencadeado no século XVIII, atingiu a sua máxima efetivação no final da modernidade, a partir do século XIX. Nesse projeto, foi privilegiado o pensamento calculante e abandonado, quase que completamente, o pensamento meditante. O pensamento que calcula tornou-se, então, a principal característica da modernidade. Assim, ocorreu um grande avanço do racionalismo, ou seja, o homem começou a buscar a perfeição da razão, a sua sagacidade e proficiência, que são, entre outras, as principais características do pensamento calculante. Ainda sobre o pensamento calculante, tem-se que é por meio dos cálculos precisos que se pode prever, planejar, dominar e controlar todo o real. Além disso, o predomínio dessa forma de pensar fez com que surgisse uma forte presença do utilitarismo. O pensamento passou a ser visto como superficial, inútil, incapaz de responder as nossas indagações a respeito do real, não possuindo caráter prático algum. Para o homem de ciência, o pensamento que calcula se tornou gigante frente ao pensamento que medita.

O pensamento meditante, por sua vez, é descrito por Heidegger como aquele que precisa de maturação, de tempo, de muito esforço; que requer engajamento, total dedicação às questões sobre as quais se pensa; e que exige que o homem que medita se debruce por completo sobre aquilo que lhe é mais próximo e que facilmente pode ser esquecido. Para que tal empreendimento tenha sucesso e para que não ocorra o aprisionamento de apenas uma representação, entre muitas outras, é preciso que o homem que se dedica à meditação não se atenha a um aspecto das coisas, ou melhor, não se atenha a um ponto de vista. O que isso significa? A verdadeira meditação consiste em parar diante das coisas e deixar que a reflexão ocorra livremente, mesmo que, em um primeiro momento, isso pareça impossível ou inconciliável. Pela procura por uma total liberdade com a técnica, Heidegger empreende uma caça à essência da técnica. Assim, em busca de suas origens, medita. Nessa busca, o filósofo pensou a partir dos gregos, mais especificamente de Aristóteles, que, para se referirem à manufatura e à arte que denominavam tanto o artista quanto o artesão, usavam a palavra *techné*, cognominada de *technite*.

## O CONCEITO DE TECHNÉ

O termo *techné* é ambíguo e flutuante se analisado na perspectiva da História da Filosofia. Seu estudo, na filosofia aristotélica, deve ser feito com acerto na temática

geral que o envolve, uma vez que *techné* se insere na mesma categoria das faculdades intelectuais que os termos *phronesis*, *episteme*, *sophia* e *noûs*. Faculdade intelectual entre faculdades intelectuais, a *techné* não pode ser confundida com as demais. Entende-se *techné* como uma forma de conhecimento que pressupõe conhecimento de causa e disposição de ânimo, aliada a uma atividade poética para a sua operação concreta. Resulta, pois, que, como conceito semanticamente preciso, sua apreensão teórica requer uma detida análise de sua imagem e significação, o que não se faz sem que se prescindia, também, da delimitação de outros conceitos correlatos a esse. A análise, na íntegra, não se restringe a uma investigação de sua dimensão semântica influenciada exclusivamente pelo texto da Poética, de Aristóteles, uma vez que a obra aristotélica pode ser concebida como um sistema, não por sua concepção editorial, mas por sua relativa linearidade conceitual. A compreensão de um texto demanda, assim, esclarecimentos e pressupostos, os quais decorrem de outros textos que o antecedem.

A *techné* pode ser dita, logo de princípio, um conhecimento (*gnósis*). É um conhecimento que corresponde a uma atividade do espírito; porém, é atividade produtiva e prática. A movimentação produtiva não se exaure. É concebida por meio de uma arte artesanal, sendo causa de movimento que tem um fundamento intelectual, que transporta o pensamento da esfera poética das ideias para o campo produtivo. Daí que, apesar de *gnósis*, a *techné* é uma faculdade que dista substancialmente das demais faculdades intelectuais (*episteme*, *sophia*, *noûs*). O peculiar da produção artística está na própria liberdade de criação e no devir de suas construções, pois, diferentemente dos processos mecânicos da reprodução, em que prevalece o mecanismo, a repetição e a constância no operar artístico, o aspecto de criação torna a finalidade do obreiro artista algo somente verificável após a conclusão do processo produtivo. Uma obra, fruto da *techné*, ainda não é a técnica moderna, no entanto, pode-se dizer, seu processo constitutivo coincide com seu processo ontológico. A *techné* é um fazer, um produzir, um *poien*, um fazer de modo poético: “É uma palavra proveniente do grego [...] não constitui apenas a palavra do fazer na habilidade artesanal, mas também do fazer na grande arte e das belas artes [...] pertence à pro-dução, [...] é, portanto, algo poético”. (HEIDEGGER, 2001, p. 17).

O ser da obra será a resultante de um trabalho criativo e livre; a liberdade aí é uma liberdade intelectual, visto ser sua concepção intelectual a base do produto criado. De duas facetas, portanto, resulta a obra: uma primeira, relativa à sua origem dialética; uma segunda, relativa à sua essência de objeto criado, de coisas entre coisas. O que é por *techné*, é produto. Também, tudo o que é produto, o é em virtude da *techné*. Além disso, aquilo que é produto o é em virtude da ação, mas a prática não equivale à produção. Daí que *techné* pode ser tomada por sinônimo de *poiésis*, mas como algo distinto de práxis. A *techné*, como anteriormente dito, é concepção e obra, importando, assim, em dois lados de uma mesma moeda que interagem entre o que se

---

concebe e o que se produz. O produzido pressupõe engenho, atividade racional, ato criativo, assim como a *techné* nada será, ou melhor, ainda não é, se nada se produzir, pelo que a relação essencial entre os conceitos que se comprometem simultaneamente.

Assim, a *techné* radica seus princípios na causa eficiente, ou seja, no agente que produz, e não no que foi produzido, correspondendo, acima de tudo, a um conhecimento (*gnósis*) das coisas que *são*, não por necessidade ou, muito menos, que *são* por natureza (*physei*). As coisas que *são physei*, tendo como princípio e causa sua própria ontologia natural, movimentam-se, não a partir de uma causa eficiente externa, mas por possuírem motricidade interna. *Physis* é o princípio e causa de movimento, constituindo a respectiva especulação, uma ciência particular que não aquela dedicada às coisas produzidas, ou seja, ao que se chama de *Physica*. A *techné* não se ocupa do *ser* que possui automotricidade, mas do *ser* gerado a partir de uma causa eficiente externa ao ser movimentado, ou seja, externa ao sujeito passivo de um movimento de qualquer natureza (alteração, deslocamento, transformação, aumento ou diminuição). É por meio desse ponto de vista que parece haver algo de comum à *techné* como à *Alea*, como verdade. Já as coisas que *são* por necessidade podem ser ditas externas e imutáveis, sobre as quais não incide a *gnósis* artístico-produtiva, mas a *episteme*. Mediante *episteme*, por indução ou por silogismo, se alcançam as coisas que *são* por necessidade, agindo-se racionalmente sobre o *ser* previamente constituído, demonstrando-lhe a estrutura ontológica, sendo assim o campo da pura necessidade.

Diferentemente, o que é por *techné*, não é enquanto não produzido. Daí a sua não-imanência e o seu apriorismo com relação a sua *gnósis*. Ao se analisar a *techné*, verifica-se que, além de o produto se constituir enquanto se faz arte e, portanto, tornar-se algo (leia-se *vir-a-ser*), conceitualmente se produz a *gnósis* de seu objeto. É o campo da pura contingência. Pode-se dizer que a produção artística e o conhecimento artístico ocorrem simultaneamente. Essas são as diferenças entre a *techné* e a *episteme*, e entre o que é por *techné* e o que é por práxis, ou melhor, o campo da contingência e da necessidade respectivamente. Entre produtor e obra subsiste mais que uma mera relação entre agente e coisa produzida. A teoria aristotélica está a apontar o amor como à chama geradora de todo o processo produtivo. A existência é amada, como amada é a obra almejada e produzida, pois já a atividade que conduz à reificação da obra é a razão de existir daquele que opera. E isso é natural (*toûto dé physikón*). A trama do objeto acabado é objetivamente o resultado de toda a operação da personalidade criativa sobre a realidade material e física.

Nessa medida, o que se produz é nada mais nada menos, que a atualização da potência do agente produtivo. Essa atualização pressupõe uma perseguição do algo que se procura produzir, e esse algo, ao reificar-se, torna-se matéria concreta de uma concepção espiritual. O objeto produzido é amado pelo seu produtor como se seu filho fosse, visto que, em verdade, aquele que existe para produzir tem a obra por meta de

sua existência. Assim, a *technik* é concebida como tecnologia, engenharia, técnica, que está intimamente relacionada com a *tiktein*, que significa gerar, produzir, dar à luz. É um modo de fazer as coisas, possuindo, porém, a capacidade de revelar as coisas antes do fazer. A *techné* também encontra um especial tratamento teórico na *metaphysica*, onde não se equipara à experiência nem à ciência propriamente dita. A *techné* é um *wissen*, um saber que direciona a nossa relação com a *physis*. Entre uma e outra, a *techné* é dotada de estatuto próprio, pois, ao mesmo tempo em que se trata de um conhecimento causal e universal das coisas, e não meramente dos particulares, como ocorre com a experiência, trata-se, também, de um saber prático e não-teórico. Caso se tenha a concepção de que o conhecimento percorre um esquema ascensional, ou seja, da mais empírica à mais abstrata forma de apreensão da realidade, parte-se da ideia de que a mera sensação do individual começa pela experiência, que é a reiteração de sensações individuais. Surgem, assim, a técnica e a ciência.

## A DISCUSSÃO DE HEIDEGGER

A discussão de Heidegger sobre a técnica parte do princípio de que tanto a técnica no sentido moderno quanto a *techné* no sentido da tradição apontam para dois modos de desvelamento. Indica, também, que ambas se constituem como saber e fazer, mesmo porque qualquer saber que desvele sentido já se constitui em uma dimensão pragmática, bem como toda e qualquer prática pressupõe uma compreensão prévia, mesmo que ainda não tematizada. A diferença radical entre a técnica moderna e a *techné* no sentido da tradição consiste no modo de desvelamento que cada uma delas proporciona. Na primeira, o desvelar acontece em um desafio à natureza, a realidade torna-se subsistência e o comportamento diante da natureza é provocação. Na segunda, o comportamento frente à natureza é um deixar-acontecer, sem desafiar e aceitando os limites do acontecer.

Em uma perspectiva metafísica, faz-se necessário definir e enquadrar a técnica como um meio para atingir um fim e, assim, considerá-la como algo definitivo, fechado e sob o domínio do homem. Trata-se de uma concepção instrumental e antropológica da técnica. No mundo, tal como projetado pela tecnologia científica, pode ocorrer um enclausuramento da visão do cientista. Na relação substitutiva que estabelece com o mundo, ele, o cientista, acaba por esquecer-se da essência das coisas e, priorizando o pensamento calculante, não deixa margem a outras possibilidades de compreensão. A causalidade, que pressupõe a busca de fins por intermédio de meios alcançados pela instrumentabilidade, em uma interpretação mais originária, seria ocasionamento, que consiste em algo que permite que outra coisa aconteça. Para Heidegger, é no ocasionar que reside a essência da causalidade moderna.

---

A filosofia ensina há séculos que existem quatro causas: 1) a causa *materialis*, o material [...] 2) A causa *formalis*, a forma, a figura em que se insere o material; 3) a causa *finalis*, o fim [...] 4) A causa *efficiens*, o ourives que produz o efeito [...] Descobre-se a técnica concebida como meio, reconduzindo-se a instrumentalidade às quatro causas (HEIDEGGER, 2001, p.15).

Nos quatro modos de ocasionar – formal, material, final e eficiente –, se oculta o *deixar vir à presença*, fundamento de todo produzir (*poiésis*), tanto se referindo às coisas da natureza (*physis*) como às que vêm à presença pelo fazer do homem. A essência da técnica reside no desvelar, no qual se fundamenta todo o produzir. É na *poiésis*, como modo de manifestação do que se oculta, que se dá o desvelamento, *alétheia*, comumente traduzida como verdade, que, na modernidade, fala da correspondência entre o real e o representado. O desvelar da técnica moderna se dá como desafio à natureza, de modo que seus recursos possam ser explorados e armazenados. Ao modo da *techné*, o desvelar se dá no sentido de *levar à frente*. Heidegger propõe-se questionar a técnica tal como é entendida na atualidade. Afirma ser necessário que se medite sobre esse tema para que se possa estabelecer uma relação livre com a técnica moderna. Lembra que se relacionar com a técnica não é o mesmo que estar em relação com a essência da técnica. Relacionar-se livremente consiste em poder buscar o sentido mais próprio, tal como entendido pela tradição.

Heidegger conclui que tanto a técnica como a *techné* se referem à produção do homem. À produção como resultado de uma atividade operatória que se dá de modo tecnológico e maquinário, ou seja, é a principal característica da modernidade. A técnica é regida pelo princípio da causalidade, em que os instrumentos técnicos se constituem em um meio para atingir um fim. O homem, por meio de instrumentos técnicos, produz uma série de artefatos desafiadores da natureza, tendo como fim a exploração dos recursos naturais. Técnica refere-se, nesses termos, à utilidade prática para fins de acúmulo, consumo, comutação. A produção desse processo circular, para manter a circularidade, passa para a categoria do descartável. Uma vez que ocorra o descarte dos produtos, retorna-se ao processo inicial, ou seja, à produtividade, à acumulação e, novamente, ao descarte.

O desencobrimento que rege a técnica moderna é uma exploração que impõe à natureza a pretensão de fornecer energia, capaz de, como tal, ser beneficiada e armazenada. Isto também não vale relativamente ao antigo moinho de vento? Não! Suas asas giram, sem dúvida, ao vento e são diretamente confiadas a seu sopro. Mas o moinho de vento não extrai energia das correntes de ar para armazená-la. Uma região se desenvolve na exploração de fornecer carvão e minérios. O subsolo passa a se descobrir, como reservatório

de carvão, o chão, como jazidas de minério. Era diferente o campo que o camponês outrora lavrava, quando lavar ainda significava cuidar e tratar. O trabalho do camponês não provoca e desafia o solo agrícola. (HEIDEGGER, 2001, p.19).

A técnica, compreendida do modo descrito por Heidegger se caracteriza pelo fazer humano que visa à produção, ao acúmulo e ao desperdício; pelo fazer que tenha como objetivo dominar e transformar a natureza e extrair dela todos os recursos de que o homem necessita para a produção tecnológica e para a subsistência. Segundo Heidegger, a produção pode, também, ser abarcada de outro modo, qual seja, *techné*. Tomar a técnica como *techné* implica em retornar ao sentido que os gregos da Antiguidade atribuíam a essa modalidade de produção: *levar à frente*. Desvelar ao modo da *techné* consiste em poder ver algo que ainda não está presente, permitindo que o *ainda não* possa transparecer ao seu modo, tornar visível algo que se mostra de maneira invisível. *Techné*, no seu sentido original, refere-se ao conhecimento que se dá pela compreensão, a conhecer no ato de produzir. É o conhecer como modo de reconhecimento e de saber. É o fundamento do conhecer na antecipação, para tornar manifesto o que se apresenta por si mesmo. Consiste, portanto, num modo de aparição da verdade (*alétheia*). Nesse modo de desvelamento, ocorre um *deixar vir à presença*, no sentido de um *levar à frente*, sem desafiar, sem visar à subsistência, pois reconhece os limites e os paradoxos da própria existência.

Pode-se, então, tomar a técnica nestes dois sentidos do desvelamento: como desafio e como *levar à frente*. Para melhor explicitar, vale exemplificar a relação que o homem pode estabelecer com o rio cujas águas seguem tranquilamente seu rumo. O homem pode contemplá-lo, pode navegá-lo, pode transformá-lo em um modo de produção de energia. No primeiro caso, o homem não intervém na natureza. Deixa-se levar por algo que o transporta sem deslocamento: contempla. No segundo caso, o homem deixa que a natureza do rio se dê ao seu modo e ao modo do rio e, então, por meio de seu artefato, se deixa levar, mas não interfere, não desafia. No último exemplo, esse homem desafia, manipula e transmuta a natureza de modo que possa se tornar um recurso energético a ser explorado como fundo de reserva, para fins de subsistência. Heidegger acredita que apontar para as aproximações e para as diferenças entre a técnica e *tekhné* não é suficiente para alcançar a essência da técnica e, desse modo, estabelecer uma relação livre com a técnica moderna. A essência da técnica moderna se anuncia naquilo que Heidegger denomina *gestell* (dispositivos técnicos).

A usina hidroelétrica posta no Reno dispõe o rio a fornecer pressão hidráulica, que dispõe as turbinas a girar cujo giro impulsiona um conjunto de máquinas, cujos mecanismos produzem corrente elétrica. As centrais de transmissão e sua rede se dispõem a fornecer

corrente. Nesta sucessão integrada de disposições de energia elétrica, o próprio Reno aparece, como um dispositivo. A usina hidroelétrica não está instalada no Reno, como a velha ponte de madeira que, durante séculos, ligava uma margem à outra. A situação se inverteu. Agora é o rio que está instalado na Usina. O rio que hoje o Reno é, a saber, fornecedor de pressão hidráulica, o Reno o é pela essência da usina. (HEIDEGGER, 2001, p.20).

## O FIM DA FILOSOFIA

E preciso pensar diferente, afinal outros filósofos, como Marx e Wittgenstein, também anunciaram o fim da filosofia, seja pela *supressão* ou pelo *desparecimento*. O fim da filosofia para Heidegger, porém, não surge com sua filosofia, mas ao contrário, é sua filosofia que surge como alternativa para este fim. Para Heidegger filosofia é metafísica. Mas somente afirmar isso não nos dá ainda uma boa chance de compreensão. É preciso, pois, sabermos o que Heidegger entende por metafísica. Sua noção é totalmente diferente de como a tradição a concebe. Em Heidegger, a metafísica amplia seu raio de alcance, ela se torna a representação fundadora, onde reside o equivoco de coincidir o Ser com fundamento, como ente. A compreensão metafísica alcança onde move todo fundar, seja nos grandes sistemas filosóficos, seja na compreensão cotidiana. Pensar metafisicamente é representar o ente desde já fundado sem a necessidade de questionar a verdade do Ser. Em suma, a metafísica com Heidegger, deixa de ser uma disciplina filosófica possível e passa a ser a própria disposição do ser-aí junto aos entes. Toda a filosofia, de Platão a Nietzsche, não passou de visões de mundo, que se pretendiam fundantes. Até as filosofias que proclamavam o fim da metafísica também eram metafísicas, pois de alguma forma adotavam a troca do fundamento vigente pelo seu. Cada uma acreditou dizer um pouco mais sobre o Ser dos entes. Desse modo, a história do pensamento é a uma história de visões de mundo, que determinam a existência através de conceitos, como Heidegger nos elucida na seguinte passagem em *Carta sobre o humanismo*:

Esta é compreendida pela Filosofia Medieval como *actualitas*. Kant representa a *existentia* como a realidade efetiva no sentido da objetividade da experiência. Hegel determina a *existentia* como ideia que se abre a si mesma, a ideia da subjetividade absoluta. Nietzsche concebe a *existência* como eterno retorno do mesmo. (HEIDEGGER, 2005, p.26).

No entanto, Heidegger, em sua busca pelo sentido do Ser, tenta pensar pela diferença. Ser, para Heidegger, não pode ser conceituável, ele escapa a qualquer definição, muito menos pode ser fundamento. Logo, o Ser, porém, é sempre Ser do

---

ente. O ente, por sua vez, é tudo o que vem a presença. O ser mostra-se com a presença do ente, contudo, ao mesmo tempo se esconde, não no sentido de um “por detrás de” que pode ser encontrado, mas sim pelo seu próprio movimento de velar-se e desvelar-se junto ao ente. Sendo assim, a filosofia, enquanto metafísica, apenas alcançou e pensou o ente, jamais o Ser. Tomar o Ser pelo ente, no entanto, possibilitou a filosofia fundamentar a totalidade mediante sua ontologia. Para Heidegger, a ontologia que o antecede na verdade identifica-se com uma onto-teologia, por isso não muito raro, o Ser ganha atributos comumente dirigidos a uma *causa sui*. Quando Heidegger fala de fim da filosofia ele está falando do fim da metafísica, ou seja, o fim da metafísica trata-se do acabamento da metafísica na modernidade. Na seguinte passagem Heidegger nos esclarece sobre esta noção de acabamento:

O antigo significado de nossa palavra “fim” (ende) é o mesmo que o da palavra “lugar” (ort): “de um fim a outro” quer dizer: “de um lugar a outro”. O fim da filosofia é o lugar, é aquilo em que se reúne o todo de sua história, em sua extrema possibilidade. Fim como acabamento quer dizer esta reunião. (HEIDEGGER, 1999, p.96).

É chegado o momento em que a filosofia, enquanto metafísica, não precisará mais fundamentar o ente, ela deve buscar outro lugar, em que o fundamento vigente não mais precisa ser questionado e a filosofia ao invés de fundante jaz fundada. Assim, o último estágio da metafísica ocidental completa-se com a técnica moderna, ou seja, é o fim da filosofia enquanto metafísica, encontrando seu acabamento em uma modernidade técnica.<sup>1</sup> Com a técnica moderna acredita-se que se chegou à verdade do ente, pela dominação e exploração, conhecê-lo é dominá-lo, e tudo o que não possui este modo de ser carece de sentido e verdade. A técnica moderna surge como a última visão de mundo, que garante a desnecessidade de todo questionar. Fundada no enquadramento da técnica, as ciências particulares ganham sua autonomia frente à filosofia, elas não precisam mais de um sentido ontológico, pois a cibernética, como ciência básica da informação, as garantem nessa unidade. Agora é a filosofia que jaz fundada pela técnica na exploração científica de cada esfera do ente. A filosofia subordina-se à linguagem técnica de todas as ciências particulares e se nivela a elas. É assim que a filosofia, enquanto metafísica, chega seu fim, como nos diz Heidegger no seguinte fragmento:

O desdobramento da filosofia cada vez mais decisivamente nas ciências autônomas e, no entanto, interligadas, é o acabamento legítimo da filosofia. Na época presente a filosofia chega a seu estágio terminal. Ela encontrou seu lugar no caráter científico com

---

<sup>1</sup> Conforme definição do Prof. Dr. Franz Bruseke – Universidade Federal de Sergipe.

---

que a humanidade se realiza na práxis social. O caráter específico desta cientificidade é de natureza cibernética, quer dizer, técnica. Provavelmente desaparecerá a necessidade de questionar a técnica, na medida em que mais decisivamente a técnica marcar e orientar todas as manifestações no Planeta e posto que o homem nele ocupa. (HEIDEGGER, 1999, p.97).

Desse modo, a filosofia não pode mais ser metafísica, pois agora existe uma visão de mundo (metafísica) inquestionável considerada como modernidade técnica. Antes, a filosofia, ainda nos dirigia ao questionar; com a técnica, esquecemos que esquecemos o Ser e somos dirigidos somente ao ente. Com a técnica, o Ser é esquecido não porque se tenta defini-lo, mas sim porque ele não é mais um problema, pois apenas o ente é. Haveria, pois, outro lugar para a filosofia onde nem a metafísica nem a dominação da técnica habitam? Essa é a questão central em que Heidegger se demorará em *O fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento*. Superar-se enquanto metafísica, ou seja, superar a modernidade técnica e sobreviver ao enquadramento técnico (*gestell*) tornou-se a questão pertinente à filosofia. Para caminhar por essa questão a filosofia precisa ir à raiz do problema. O problema é histórico e está centrado no esquecimento de Ser e na noção de verdade. Desse modo, a questão do pensamento requer um diálogo franco com a tradição. A nova tarefa do pensamento deve pensar o que a filosofia não pensou propriamente desde o seu desdobramento. Se a história da filosofia e a compreensão técnica habitam no esquecimento do Ser então o pensamento que queira superá-las deve rememorar o sentido do Ser recolocando a sua questão, isto é, voltar ao Ser mesmo. Tal superação, porém, não terá o caráter de uma superação crítica, pois assim ainda estaríamos situados nas malhas da metafísica, trata-se, sim, de buscar um caminho diferente, em outro lugar.

Se toda questão se move pela busca da verdade, devemos compreender o significado de verdade. Primeiro aquela compreensão que esquece o Ser, depois aquela que propomos, a que o rememora a verdade. A metafísica tem uma verdade que lhe é própria, seu desdobramento inicia-se com Platão, com ele a verdade é entendida mediante a concordância entre intelecto e coisa; com o auxílio da dialética, o movimento do pensamento consegue ascender à verdade da coisa, adequando-se a ela, para extrair o seu conceito universal. Nesse sentido, a não-verdade é a contradição lógica, o erro, a ambiguidade da opinião sofística, algumas ilusões da poesia. Na metafísica, a verdade coincide com seu critério: *veritas est edequatio rei et intellectus*. O ideal platônico, *o intellectus divinus*, a certeza cartesiana, ou a objetividade transposta em verdade proposicional, todos esses modos de verdade compartilham de um mesmo fundamento, a saber, o fato de terem ou serem fundamento. Vale dizer que esta seja a essência da metafísica: fundar o mundo em uma verdade que lhe é própria.

---

Sem o fundamento não há verdade por adequação, pois sem este chão não há com o quê adequar-se, por isso ela é metafísica. Sua essência não pode questionar o Ser a não ser metafisicamente. Correntemente compreende-se que a verdade pertence ao homem, como a descoberta pertence ao descobridor. Isto, porém, agora se mostra um equívoco, pois o homem não é autor da verdade, mas ao contrário, é ele que já sempre pertence a ela. O questionamento adequado do Ser antecede o humanismo, que por sua vez é o questionamento inadequado do Ser. O homem sempre é convocado a adotar uma visão de mundo, a ouvir o apelo do Ser. No entanto, é próprio da metafísica ignorar esta convocação. Visto isso, a tarefa do pensamento, segundo Heidegger, trata-se de superar a metafísica por uma nova compreensão de verdade que não seja ela mesma fundamento, mas apenas desvelamento cujo sentido nos é digno de ser questionado.

O caminho a seguir para uma superação da metafísica é um caminho de volta, voltar ao lugar originário. Devemos pensar em um momento em que a verdade ainda se relacionava com o Ser de forma mais aberta. Antes de a verdade pertencer a uma questão de método e lógica, a um tipo de pensamento específico, a verdade é morada. Esta morada, que é a verdade, onde o homem habita, é a *aletheia*, que dizer desvelamento. Toda espécie de verdade, sobretudo a proposicional, só é possível nesse desvelamento originário. Desse modo, a *aletheia* é a verdade originária, a própria abertura do Ser-ao-mundo, a clareira. Nesta abertura o Ser se mostra e também se esconde, pois tudo o que podemos dele compreender já sempre nos foi entregue pela clareira com alcance de sua luz. Na verdade originária a não-verdade não é o erro no sentido metafísico, o erro para a verdade ontológica é estar alheio a essa condição, e a este alheamento, chamamos errância. Portanto, a errância do desvelamento não está para o erro da *edequtio*, muito ao contrário, o sucesso da *edequtio*, em sua essência, se mostra como errância para o desvelamento originário.

Somente pensando a verdade como *clareira*, podemos nos colocar para fora do domínio da metafísica e da técnica. Estando fora de seus domínios podemos compreendê-las como elas mesmas não podem se compreender, uma vez que são incapazes que pensar sua própria abertura, seu modo de Ser-ao-mundo. A compreensão técnica não pode compreender a metáfora da *clareira*, pois cada vez mais ela acredita que seu raio de luz alcança todos os fenômenos da existência, ignorando tudo o que permanece velado, como o Ser. Pensar é pensar o desencobrimento do Ser e é nesse sentido que em *O que quer dizer pensar?* Heidegger declara que a ciência não pensa. Muitos receberam esta declaração como uma afronta, mas não se trata de uma briga epistemológica para saber o que é mais verdadeiro, pois o pensamento não tem o que concorrer com a ciência, uma vez que ambos se movem em lugares diferentes. Basta, com isso, saber que a ciência não pode questionar seu próprio sentido, porque o sentido está no modo de Ser das coisas, no entanto, a ciência dirige-se somente ao ente e nada mais. Pensar o sentido, ao

---

contrário, é a nova tarefa do pensamento, por isso Heidegger a chama de hermenêutica, pois o sentido visa à interpretação. No tocante a isto Giovanni Vattimo nos elucida no fragmento que segue:

An-denken e Verwindung também nos indicam, assim em que sentido a filosofia de Heidegger deve ser definida como uma hermenêutica: não no sentido de uma teoria técnica da interpretação, nem no sentido de uma filosofia que dá em peso peculiar na descrição da existência, ao fenômeno interpretativo, mas no sentido mais radicalmente ontológico: o ser nada mais é que a transmissão de aberturas históricas-destinas que constituem, para cada humanidade histórica je und je, a sua específica possibilidade de acesso ao mundo. A experiência de recepção-resposta dessas transmissões é sempre Anderkem e Verwindung. (VATTIMO, 2007, p.184).

Deste modo, para Heidegger, resta à filosofia ser hermenêutica. Sua tarefa é, pois, rememorar a verdade do Ser, que, no entanto, ao Ser rememorado, não quer dizer que se apresentará na sua objetividade, mas ao contrário, trata-se de rememorar o ser que já sempre se despediu, enquanto que a errância metafísica surge mediante a incapacidade de pensar essa despedida. O pensamento agora muda de lugar e paira na vizinhança ao poético.

## REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. **Conferências e Escritos Filosóficos**. In \_\_\_\_\_. O fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento. São Paulo: Editora Abril Cultural Ltda, 1999, p.90-108.

\_\_\_\_\_. **Ensaio e conferências**. In \_\_\_\_\_. O que quer dizer pensar? Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 111-141.

\_\_\_\_\_. **Carta sobre o humanismo**. São Paulo: Centauro, 2005.

VATTIMO, Giovanni. **O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2007.

---

Doutorado em Ciências Humanas (UFSC)  
Prof. Adjunto, Departamento de Filosofia/UFMA  
E-mail: [wellington.amorim@gmail.com](mailto:wellington.amorim@gmail.com)

Graduando em Filosofia (UFMA)  
E-mail: [j.roberto-10@hotmail.com](mailto:j.roberto-10@hotmail.com)